



DREAMWALKER

CONTOS

Oníricos

NÚMERO - 2

“O Carnaval” foi concebido a partir de uma série de intensos sonhos lúcidos, onde o subconsciente guiou a narrativa por caminhos enigmáticos e repletos de significados ocultos. Cada capítulo reflete essas experiências oníricas, trazendo à tona conflitos internos que simbolizam a luta entre o real e o sonhar. O processo criativo foi enriquecido pelo suporte da Inteligência Artificial, que ajudou a expandir os limites da imaginação e moldar a atmosfera única do conto. A IA desempenhou um papel essencial na construção de cenários e na complexidade filosófica da história, permitindo uma fusão harmoniosa entre o mundo dos sonhos e o raciocínio lógico. Esta obra é um testemunho da colaboração entre a criatividade humana e a tecnologia, e convida o leitor a explorar uma realidade em que os limites entre o real e o imaginário se dissolvem, revelando verdades profundas sobre a condição humana.

O CARNAVAL

ÍNDICE

1. O SUSSURRO NO VERÃO
2. OS CÃES DO INFERNO
3. O SUBMUNDO DOS ESQUECIDOS
4. O DESFILE DA DESOLAÇÃO
5. A PROCURA DA SAÍDA
6. AS GÊMEAS



DREAMWALKER

CAPÍTULO 1: O SUSSURRO NO VERÃO

Era um daqueles dias perfeitos de verão. O sol brilhava com intensidade, e o calor parecia grudar na pele como se fosse parte dela. O céu, limpo e azul, parecia interminável, como uma tela sem fim, pintada para lembrar que o verão havia chegado de vez. Onofre, um jovem de vinte e poucos anos, observava distraidamente o movimento das folhas na copa das árvores, embaladas por uma brisa suave que trazia consigo os aromas familiares de churrasco e cerveja gelada. Era o típico cenário que antecedia o carnaval.

No entanto, algo o tirou daquele devaneio de paz. Um som de passos descalços no asfalto, acompanhados de um leve sussurro rouco, captou sua atenção. Aproximando-se do portão de sua casa, ele viu, com certa estranheza, a figura magra e trôpega de um homem maltrapilho.

O mendigo, de cabelos desgrenhados e olhar distante, parou abruptamente em frente ao portão.

— Ele te encontrou... Ele vai te pegar, murmurou o homem, com uma voz que soava como uma mistura de urgência e terror.

Onofre, ainda tentando processar o que havia acabado de ouvir, mal teve tempo de responder. O mendigo, num movimento repentino, disparou rua abaixo, como se tivesse visto algo que o aterrorizava.

— Ei, espere! — gritou Onofre, impulsivamente abrindo o portão para segui-lo.

Mas a rua já estava tomada pelo clima de carnaval. Era uma cena que, embora comum para aquela época do ano, parecia desproporcional. As calçadas fervilhavam de gente; vizinhos saíam de suas casas, armando churrasqueiras e carregando caixas de som para as calçadas.

Famílias inteiras dançavam, com música ecoando de todos os lados. Um cheiro forte de carne grelhando misturava-se ao som das risadas e do ritmo ensurdecedor de sambas e marchinhas carnavalescas.

No entanto, havia algo perturbador naquela celebração. Era uma festa como nunca vista antes. Todos pareciam... excessivamente felizes, quase eufóricos demais. Havia um brilho incomum nos olhos das pessoas. Um casal, que costumava ser reservado e discreto, dançava no meio da rua com uma intensidade que beirava a loucura. Jovens e idosos estavam entrelaçados, girando ao som da música, como se a rua fosse o único lugar onde existia vida. Tudo parecia um pouco exagerado, quase fora de controle, como se o bairro tivesse sido tomado por uma febre carnavalesca.

Onofre olhava para os lados, ainda tentando localizar o mendigo que havia desaparecido misteriosamente na multidão, mas era como procurar uma agulha num palheiro. O calor humano era quase sufocante, e o volume da música fazia seus pensamentos ecoarem de forma dissonante.

Ele parou por um momento, sentindo-se desconfortável. Enquanto todos ao redor festejavam como se fossem livres de qualquer preocupação, as palavras do mendigo ressoavam em sua mente, como um aviso sombrio em meio à alegria descontrolada: “Ele te encontrou... Ele vai te pegar.”

O que aquilo significava? E por que aquele homem corria como se sua vida dependesse disso? Onofre tentou ignorar o arrepio que subia por sua espinha, mas não conseguia. Algo estava errado. Muito errado. No meio de toda a euforia, sentiu-se desconectado do ambiente, como se ele fosse o único que via o que ninguém mais podia perceber.

O sol ainda brilhava no céu, o som do carnaval crescia ao seu redor, mas dentro de Onofre, uma sensação de que algo estava para acontecer se instalava – como se a realidade ao seu redor fosse apenas uma cortina, e atrás dela, algo terrível o estivesse espreitando.

CAPÍTULO 2: OS CÃES DO INFERNO

A música vibrava nas ruas, e o riso dos foliões ecoava em todas as direções. Era como se o bairro estivesse mergulhado numa espécie de transe coletivo, onde a alegria desmedida mascarava qualquer senso de realidade. No entanto, para Onofre, o que o cercava já não era a festa – era o peso opressivo de uma presença invisível, algo que espreitava entre a euforia exagerada dos vizinhos.

O mendigo havia desaparecido, e Onofre, parado no meio daquela confusão de cores e sons, tentava entender o que as palavras enigmáticas do homem realmente significavam. Ele te encontrou... Ele vai te pegar. A frase ressoava em sua mente, como se estivesse impregnada no ar abafado daquele fim de tarde.

Foi então que ele percebeu algo estranho no horizonte de sua visão periférica. Do outro lado da rua, virando a esquina oposta, uma sombra grotesca se estendeu sobre o asfalto quente. No início, parecia uma miragem distorcida pelo calor do verão, mas conforme as figuras se aproximavam, o coração de Onofre disparou. Não era uma miragem.

Eram cães.

Não, não cães comuns. As criaturas que dobravam a esquina pareciam saídas de um pesadelo ancestral. Eram gigantescos, do tamanho de búfalos, com corpos musculosos e patas pesadas que batiam contra o asfalto, fazendo o chão tremer levemente sob seus pés. Suas peles eram de um tom escuro, quase negro, manchadas com pelos irregulares que se eriçavam a cada movimento.

Mas o que mais aterrorizava Onofre eram seus rostos: cabeças deformadas de bulldogs, porém muito maiores, com bocas largas e salivantes, cheias de dentes afiados como lâminas. Seus olhos brilhavam com um vermelho incandescente, como brasas que ardiam com uma fome insaciável.

O rosnado gutural que ecoava de suas gargantas reverberava pelas paredes das casas, como se aqueles monstros do inferno não pertencessem àquele mundo. O ar pareceu se comprimir ao redor de Onofre; seu peito apertava, e o suor que escorria em sua testa agora era fruto do medo, não do calor. Eles estavam vindo em sua direção.

A multidão ao seu redor continuava a festejar, alheia à ameaça que agora marchava pelas ruas.

Os foliões dançavam, riam e bebiam, como se estivessem cegos ao horror que se aproximava. Para eles, não havia cães monstruosos. Mas para Onofre, cada passo daqueles seres abissais era um aviso de que seu tempo estava se esgotando.

O pânico tomou conta de seu corpo, e ele sabia que tinha poucos segundos antes de aqueles cães colossais o alcançarem. Seus olhos correram freneticamente em busca de uma saída. Foi então que viu – quase como se tivesse sido colocado ali para ele – um alçapão no chão da calçada, bem em frente à casa ao lado. Era uma porta de ferro envelhecida, provavelmente usada para acesso a algum tipo de porão ou depósito, típica das construções antigas da vizinhança. Onofre sabia que não tinha tempo. Os cães estavam próximos demais. Se o vissem, seria o fim.

Mas então algo curioso aconteceu. Por algum motivo inexplicável, os cães ainda não haviam notado sua presença. Eles avançavam lentamente pela rua, farejando o ar, rosnando baixo, como se estivessem em busca de algo que não conseguiam localizar. Aproveitando essa brecha, Onofre, com o coração disparado e o corpo tomado pela adrenalina, se lançou em direção ao alçapão.

Ele correu, o som abafado de suas próprias passadas contrastando com o rugido das criaturas à distância. Quando chegou à calçada, sentiu o peso da pressão sobre seus ombros, como se o tempo estivesse se esgotando. Com as mãos trêmulas, ele agarrou a alça de metal enferrujada, esperando que a porta não estivesse emperrada.

Mas antes que pudesse fazer qualquer movimento, uma voz rouca, porém firme, ecoou do chão.

— Por aqui... rápido, sussurrou alguém.

Onofre hesitou, surpreso. Olhando para baixo, viu um velho. A cabeça grisalha emergia da escuridão do alçapão. Suas feições eram enrugadas, e seus olhos, de um azul pálido, eram serenos, mas urgentes.

— Venha, antes que eles te vejam, insistiu o velho, fazendo um gesto com a mão.

Sem tempo para questionar, movido pelo instinto, Onofre se jogou para dentro da abertura, caindo desajeitadamente nos degraus que levavam ao porão. O velho fechou o alçapão suavemente acima de suas cabeças, tomando cuidado para não fazer barulho.

A escuridão os envolveu completamente. A única luz vinha de uma pequena lanterna que o velho carregava. O coração de Onofre ainda martelava em seu peito enquanto ele tentava recuperar o fôlego. Acima, ele ouvia o som abafado dos cães passando pela rua.

O rosnado deles parecia ainda mais feroz, mas eles continuavam sem notar que sua presa estava escondida ali, a poucos metros.

O velho acendeu a lanterna, iluminando suas feições cansadas. Seus olhos ainda carregavam um brilho enigmático, mas seu rosto trazia uma expressão de alívio misturada com preocupação.

— Você teve sorte, rapaz, disse ele, sua voz baixa e arrastada. Eles não veem tudo... mas sentem. E você já está na mira deles. Agora, não há muito tempo. Precisamos nos mover.

Onofre ainda estava atordoado, tentando processar tudo o que acontecera nos últimos minutos. Ele queria perguntar tantas coisas: o que eram aqueles monstros? Por que ninguém mais os via? Quem era aquele velho, e como ele sabia tanto? Mas, por enquanto, a única coisa que ele conseguia fazer era respirar fundo e seguir o homem pela escuridão do porão, sentindo que havia escapado da morte por pouco.

CAPÍTULO 3: O SUBMUNDO DOS ESQUECIDOS

Onofre seguiu o velho por uma escadaria estreita que rangia a cada passo, descendo para uma escuridão quase absoluta. A lanterna do homem lançava uma luz fraca e trêmula, mal iluminando os degraus desgastados e cobertos de sujeira. O ar ali embaixo era sufocante, pesado, impregnado de um cheiro acre de mofo, suor velho e algo mais... algo que Onofre não conseguia identificar de imediato, mas que fazia seu estômago se revirar.

À medida que desciam, o som abafado da festa lá fora se tornava distante, como se ele estivesse se afastando de tudo o que era familiar. A rua, a luz do sol, as risadas despreocupadas dos vizinhos – tudo isso parecia pertencer a um outro mundo. Aqui embaixo, havia apenas o escuro e o cheiro de esquecimento.

Quando finalmente chegaram ao fundo da escada, Onofre foi recebido por uma visão que o fez parar por um instante.

O porão era pequeno, apertado, com teto baixo e paredes descascadas. O chão era de terra batida, úmido e coberto por detritos. Mas o que mais o incomodava era o estado das pessoas ali.

Velhos. Muitos velhos.

Eles estavam espalhados pelo espaço apertado, sentados ou deitados sobre colchões imundos ou simples montes de trapos. Suas roupas eram surradas, manchadas de sujeira e desgastadas pelo tempo. Seus rostos, todos enrugados e macilentos, traziam olhares perdidos, vagos, como se já não tivessem mais nenhuma conexão com o mundo acima deles. Alguns resmungavam coisas incoerentes, outros balançavam-se lentamente para frente e para trás, num movimento repetitivo, como se tentassem escapar de um pesadelo invisível.

O cheiro naquele lugar era quase insuportável. Era uma mistura de urina, suor e decomposição lenta – não de corpos, mas de vidas que haviam sido esquecidas. Onofre teve que cobrir o nariz com a mão para evitar o impulso de vomitar. Seu coração apertou ao ver aquilo. Era como se ele tivesse entrado em um lugar onde o tempo havia parado, onde o esquecimento e a decadência haviam tomado conta de tudo.

– Quem... quem são essas pessoas? – Onofre perguntou em voz baixa, sua voz trêmula de espanto e repulsa.

O velho que o havia guiado até ali virou-se lentamente, iluminando o rosto de um dos homens que estava sentado num canto, balbuciando palavras sem sentido. Seus olhos eram opacos, e sua boca se movia em sussurros desconexos.

– Eles são os esquecidos, disse o velho, com uma voz pesada de tristeza e resignação. Gente que foi arrancada do mundo, trazida para cá quando já não havia mais lugar para eles lá fora. Velhos demais para serem úteis, mas ainda vivos o suficiente para temerem a morte. E agora, presos neste submundo, à mercê do tempo... e de coisas piores.

Onofre sentiu um arrepio percorrer sua espinha. Havia algo profundamente errado naquele lugar. Ele olhou ao redor, observando os rostos marcados pela idade, pela miséria, mas também por algo mais... um medo sutil, enterrado nas rugas de suas peles. Aqueles velhos não eram apenas pessoas abandonadas pelo mundo; eles pareciam estar fugindo de algo, algo que os caçava, algo que eles não ousavam nomear.

– Por que... por que eles estão aqui? – Onofre perguntou, quase sem querer ouvir a resposta.

O velho suspirou, abaixando a lanterna, fazendo com que as sombras se alongassem nas paredes sujas. Ele se aproximou de Onofre, seus olhos azuis pálidos se fixando no jovem, como se quisesse garantir que ele entenderia a gravidade do que estava por vir.

— Porque eles também foram encontrados, disse o velho, sua voz agora um sussurro quase inaudível. Assim como você. Aquelas criaturas lá fora... elas não estão aqui por acaso. Elas caçam. Elas caçam quem foi tocado pelo esquecimento, pela desesperança. Aqui, estamos seguros... por enquanto. Mas esse lugar... esse lugar é apenas uma pausa, um refúgio temporário.

Onofre sentiu o chão tremer levemente sob seus pés. As palavras do velho faziam cada vez menos sentido, mas a atmosfera do lugar o envolvia, sugava-o para dentro daquela realidade desesperadora.

Ele olhou de novo para os rostos ao redor. A maioria dos velhos parecia mergulhada em uma espécie de demência, seus olhos fitando o vazio como se estivessem presos em memórias distantes e dolorosas. Mas, em alguns deles, havia ainda um brilho, uma faísca de consciência. E o que ele viu ali era puro medo.

– Eles foram esquecidos pelo mundo... e agora algo os persegue? – Onofre murmurou, sem saber ao certo se aquilo fazia sentido ou se ele também estava começando a perder a razão naquele ambiente opressor.

O velho assentiu lentamente.

– Sim. Quando você é esquecido... quando o mundo já não se lembra de quem você é... algo te encontra. Algo que se alimenta daquilo que o tempo apagou. Esses velhos são os que escaparam por pouco, mas não por muito tempo. E você, Onofre... você agora também está marcado.

Onofre sentiu uma pontada de desespero. As palavras do mendigo voltaram a sua mente: Ele te encontrou... Ele vai te pegar. Agora, tudo fazia sentido. Ele havia sido "encontrado", assim como aqueles velhos. E agora, estava preso naquele submundo imundo e claustrofóbico, cercado por pessoas que eram sombras do que haviam sido, todas aguardando um destino que ele ainda não podia compreender – mas que pressentia ser horrível.

A sensação de sufocamento aumentava a cada segundo. Aquele lugar, com suas paredes sujas e o cheiro de decadência, parecia apertar ao redor de Onofre como uma mão invisível. Ele queria sair, escapar daquele porão, daquele pesadelo. Mas a realidade era que, lá fora, os monstros ainda o esperavam.

CAPÍTULO 4: O DESFILE DA DESOLAÇÃO

A escuridão dentro do porão era imensa, opressiva, e Onofre sentia que ela o engolia a cada segundo. O cheiro fétido de urina, suor e podridão parecia se infiltrava em seus pulmões, um lembrete cruel da prisão em que ele estava. As palavras do velho ecoavam em sua mente, e a ideia de estar ali, naquele lugar imundo, com aqueles velhos esquecidos, fazia sua cabeça girar em pânico. Cada respirada tornava-se um desafio.

A opressão aumentava, e sua alma ansiava pela liberdade. A rua acima de sua cabeça, com o som abafado da festa e a luz dourada do sol se esvaindo, parecia ser um mundo distante, um mundo que ele já não reconhecia mais como seu. Mas ele não podia, não queria, ficar ali. Era insuportável. A tensão o consumia, e o medo de ser arrastado para o esquecimento total o impulsionava a agir.

Onofre se aproximou da tampa do alçapão, seus olhos tentando discernir algo através da pequena abertura que ele avistara. A sensação de claustrofobia, de estar preso naquele abismo sujo e abafado, quase o levou à loucura. Mas ele precisava ver. Precisava entender o que acontecia lá fora. O que mais poderia haver além do desespero que o cercava?

Com as mãos trêmulas, ele se aproximou da borda, com a respiração ainda acelerada. A abertura era pequena, mas suficiente para ele espiar o mundo além. O que ele viu, no entanto, foi algo que jamais poderia ter imaginado.

Lá fora, a rua ainda estava tomada pelo carnaval. A música ecoava como uma batida frenética, e os gritos de alegria se mesclavam com os sons grotescos de uma celebração sem propósito. Mas então, Onofre notou algo que o fez congelar de horror.

Os cães.

Os monstros bulldogs, os gigantescos seres de aspecto infernal, avançavam pelas ruas, arrastando suas enormes patas pesadas sobre o asfalto com uma calma assustadora. Seus corpos eram imensos, musculosos, como bestas demoníacas que desfaziam qualquer vestígio de humanidade. Eles se moviam com uma precisão monstruosa, seus olhos brilhando como carbúnculos de fogo. Onofre mal conseguia desviar o olhar, tal era o terror que ele sentia, mas o que o deixou completamente paralisado foi o fato de que, apesar de sua imensidão e aparência diabólica, as pessoas ao redor nem se davam conta delas. Todos continuavam em suas danças, sorrindo, gritando, como se aqueles monstros fossem apenas parte da festa.

Mas a presença deles era mais do que uma simples ameaça; era uma realidade que se impunha sobre tudo, um domínio silencioso e brutal. Onofre sentiu seu coração se apertar mais forte no peito.

E logo, como um pesadelo em carne e osso, apareceu o segundo grupo.

Mulheres.

Incrivelmente belas, com corpos esculturais que pareciam esculpido por mãos divinas, elas avançavam com uma graça quase sobrenatural. Seus rostos estavam cobertos por máscaras de látex, sem expressão, sem identidade. Seus olhos, no entanto, pareciam brilhar com algo que Onofre não conseguia identificar – um brilho doentio, vazio, como se estivessem tão distantes da humanidade quanto os próprios monstros que os cercavam.

As mulheres vestiam trajes de látex apertados, cintas e pequenas roupas de pele, como se fossem parte de um espetáculo grotesco. Algumas delas seguravam correntes, e a outra extremidade das correntes estava presa a... humanos.

Homens e mulheres, alguns ainda jovens, outros já velhos, estavam engatinhando atrás delas, suas expressões submissas, seus corpos deformados pelo sofrimento. Eles rastejavam feito animais adestrados, seus rostos cobertos de sujeira, suas bocas abertas em gritos silenciosos de dor. Era como se aquela cena fosse uma dança macabra, um ritual de servidão, onde a beleza e a decadência se mesclavam em um espetáculo de horror incompreensível. O estômago de Onofre se revirou, mas ele não conseguia desviar os olhos. Cada passo, cada movimento das mulheres e dos seres rastejantes, parecia enraizar ainda mais o medo em seu peito.

E então, o mais terrível apareceu.

A pirâmide de corpos.

Uma pequena montanha de carne e desespero, composta por humanos nus, seus corpos entrelaçados em uma orgia sem sentido, um espetáculo grotesco de prazer e dor. As figuras estavam unidas de maneira caótica, suas faces contorcidas em expressões de desespero e prazer, enquanto seus corpos se retorciam, misturados em um emaranhado de pernas e braços, formando uma pirâmide perversa.

No topo da pirâmide, um tronco de pedra negra se erguia, imponente e sinistro. Sentado ali, com um ar de soberania implacável, estava a figura central daquela visão de loucura. Seu corpo, enorme e musculoso, era digno de um campeão olímpico, forte e imponente, com músculos que pareciam ter sido esculpidos nas profundezas do inferno. Seus braços e peitorais eram tão definidos que a própria carne parecia vibrar com um poder demoníaco.

Mas o que mais chocava não era sua força. Não era sua forma física, imbatível e quase divina. O que fazia o estômago de Onofre se revirar e a pele de seu corpo se arrepiar era sua cabeça.

Era a cabeça de um bode.

Sim, um bode. Com chifres longos e retorcidos, cobertos por uma camada de pelo negro e brilhante. Seus olhos eram vazios, mas ao mesmo tempo, parecia que ele observava tudo ao redor com uma sabedoria cruel. O sorriso que se formava em sua face era um sorriso maligno, de quem sabe exatamente o que está acontecendo – e de quem planeja uma dor ainda maior.

Onofre sentiu um calafrio gélido tomar seu corpo, e uma sensação de aflição o dominou completamente. Era ele. Era a criatura que o mendigo havia falado. Aquela presença, aquele ser que o desejava. Ele sentia em seu interior, de forma visceral e primitiva, que aquele monstro – aquele ser demoníaco de carne e osso – queria pegá-lo.

Queria arrastá-lo para o inferno, como tantos outros que estavam sendo consumidos naquela orgia perversa e diabólica.

A pirâmide de corpos, com sua mistura de prazer e agonia, passou diante de Onofre, e ele mal conseguiu conter o pânico que crescia dentro de si. Ele se encolheu, mal conseguindo respirar, até que finalmente, quando o último dos monstros passou, com o baphomet em seu trono, Onofre sentiu uma onda de alívio, ainda que por um breve momento.

Mas algo novo começou a surgir dentro de Onofre. Uma certeza inusitada, como uma semente brotando em seu consciente, que não fazia sentido, mas era irrefutável. Ele sentiu em sua alma que o único lugar onde poderia encontrar algum tipo de segurança era o cemitério. Não sabia explicar de onde vinha essa convicção, mas algo dentro dele lhe dizia que era o único refúgio possível.

O cemitério... aquele lugar de silêncio, onde a morte reinava, parecia agora ser a única alternativa. Talvez lá ele estivesse distante o suficiente de tudo o que estava acontecendo nas ruas, daquele desfile demoníaco e dos monstros que o perseguiam.

O som da festa lá fora, com suas risadas e músicas grotescas, parecia cada vez mais distante, mas não importava. O eco daquela visão diabólica, o desfile macabro e a presença ameaçadora do baphomet, estavam gravados em sua mente como uma maldição. Ele precisava ir para o cemitério.

Era uma certeza absoluta, quase sobrenatural. Era o único lugar onde poderia se esconder, onde a morte, com sua frieza, o afastaria do alcance das criaturas que agora o caçavam.

A verdade era clara: a verdadeira caçada não havia começado – ela já havia terminado, e o único destino que restava a Onofre era se refugiar entre as lápides frias do cemitério.

CAPÍTULO 5: A PROCURA DA SAÍDA

Enquanto Onofre permanecia encolhido no alçapão, cercado pela imundície e pelos murmúrios dos velhos esquecidos, uma sensação desconfortável começou a se infiltrar em sua mente. Os velhos, com seus corpos mirrados e rostos distorcidos pela decrepitude e pela demência, não eram apenas vítimas do tempo. Eles eram escravos do comodismo, da estagnação, da aceitação de uma vida sem coragem para se arriscar. Eram como os mortos-vivos que se recusam a dar um passo para o novo, para o desconhecido. Eles se acostumaram com a imundície, como se ela fosse sua única realidade possível, como se o sofrimento e a decadência fossem a única resposta à vida. Eles esqueceram deles mesmos.

Em um estalo de clareza, Onofre se viu refletindo sobre isso.

Os velhos ali estavam porque haviam desistido de si mesmos, porque preferiram o conforto do que era conhecido – a miséria que já haviam internalizado – ao risco da mudança, da busca pela liberdade. Como se, ao aceitar tão pouco, eles garantissem, ao menos, a segurança do que ainda restava de suas vidas. Era uma escolha covarde, uma escolha do não enfrentar o medo, do não viver.

Mas o que Onofre estava começando a entender, com uma lucidez que lhe cortou a mente como uma lâmina, era que a salvação não está na permanência, mas na mudança. A verdadeira coragem não era o simples ato de suportar a dor, mas o de desafiar o desconhecido, de sair da zona de conforto e buscar, a qualquer custo, algo maior. Era preciso quebrar os grilhões invisíveis da acomodação, ir em direção ao incerto, ao assustador – o que significava, em última instância, viver. E só assim ele poderia escapar.

O cemitério. Algo dentro de Onofre dizia que aquele era o único lugar em que ele poderia, de alguma forma, estar a salvo. O medo ainda o corroía, mas ele agora tinha algo mais forte dentro de si: a necessidade de agir.

Ele se levantou, seus movimentos hesitantes, ainda tomado pela aflição, mas agora com uma determinação que ele jamais soubera que possuía. Saiu do refúgio imundo, se esgueirando pelas ruas, onde a festa de carnaval continuava, como se nada estivesse acontecendo, como se aquele desfile de monstros fosse apenas mais um espetáculo de rua. As pessoas dançavam, riam, bebiam e se abraçavam, completamente alheias ao que acontecia, à verdadeira ameaça que se aproximava.

E, entre aquele caos festivo, Onofre sentiu algo pulsando em seu peito. A urgência. Ele precisava ir ao cemitério. Agora.

Seus olhos começaram a procurar freneticamente entre a multidão. Havia algo nele que sabia, sem dúvida, que ele não podia fazer isso sozinho. Ele precisava de um veículo. Precisava de velocidade. A resposta surgiu de repente, sem que ele se desse conta de como, ou por quê. Leonardo.

Leonardo era seu amigo de infância. Embora as coisas entre eles tivessem azedado após um episódio antigo, quando Leonardo o traíra com a namorada de Onofre, ele sabia que o amigo ainda possuía algo que ele precisava. Uma moto. Era isso. Ele precisava sair de lá rapidamente, sem ser notado, e para isso, uma moto era a única solução.

Com as ruas vibrando ao ritmo frenético do carnaval, Onofre atravessou a multidão com os olhos fixos em um ponto distante. Ele procurava Leonardo. Quando o viu, uma mistura de raiva e alívio tomou conta de seu peito.

Leonardo estava ali, como sempre, com seu sorriso fácil e despreocupado, circulando entre os outros, sem um vestígio sequer de preocupação. Ele estava inconsciente da ameaça que se aproximava, alheio ao perigo. A calma de Leonardo parecia quase absurda, dada a situação desesperadora de Onofre.

Onofre correu até ele, e antes que pudesse dizer uma palavra, já desabafava tudo. Suas palavras saíam como uma torrente de angústia, explicando tudo: a festa diabólica, os monstros, o homem-bode, o cemitério. A cada palavra, sentia que o peso sobre seus ombros diminuía um pouco, até que finalmente se calou, respirando pesadamente.

Leonardo ouviu tudo com uma expressão vazia, como se Onofre estivesse falando de algo completamente irrelevante. Quando o silêncio se fez, Leonardo não se apressou em responder. Olhou-o por um momento, com uma tranquilidade que beirava o cínico, como se tudo aquilo fosse apenas parte do cenário de uma noite de carnaval.

— Aqui — disse Leonardo, tirando a chave da moto do bolso com um sorriso despreocupado. — Vai precisar disso. Mas não se apresse, Onofre. O carnaval está só começando.

Onofre o observou com uma sensação crescente de desconforto. Algo estava errado, mas ele não tinha tempo para questionar. Pegou a chave da moto com mãos trêmulas, sem tirar os olhos de Leonardo, que parecia nada mais do que uma sombra distante de quem ele conhecera. A indiferença de Leonardo o incomodava profundamente, e uma pontada de desconfiança começou a crescer dentro de seu peito. Mas ele não podia se permitir hesitar. A moto. O cemitério. A fuga. Era isso. Era tudo.

Sem mais palavras, Onofre virou-se e correu em direção à moto, sua respiração acelerada, seu corpo suado e tenso. O barulho do carnaval já parecia distante, como um eco de algo que não pertencia mais a ele.

Ele tinha uma única missão agora: escapar.

Mas, ao olhar para trás, a cena de Leonardo se dissolvendo na multidão, como se nada tivesse acontecido, deixou uma sombra inquietante na mente de Onofre. Algo estava errado. Algo que ele ainda não entendia. Mas não havia mais tempo para refletir. Ele precisava sair.

CAPÍTULO 6: AS GÊMEAS

Onofre estava montado na moto, seus olhos fixos à frente, mas sua mente ainda se dividia entre o horror e a estranheza dos eventos que acabara de vivenciar. O bairro, com seus prédios deteriorados e as ruas ainda ecoando a batida do carnaval, parecia estar em outra dimensão agora. O que antes era familiar se tornara um palco grotesco, como se ele tivesse sido transportado para outro mundo, onde a realidade se distorcia a cada passo. Ele sentia uma pressão crescente no peito, como se o peso do que acontecera não pudesse ser dissolvido facilmente, como se o próprio ar ao seu redor estivesse impregnado de algo incompreensível.

Então, sem que esperasse, um estrondo suave quebrou o silêncio de sua mente. Duas figuras apareceram diante dele. Eram loiras, altas, com uma beleza que poderia desarmar qualquer coração.

Seus cabelos brilhavam sob o sol, como se fossem fios de ouro derretido, e seus olhos, de um azul mágico, pareciam refletir todo o oceano. Eram gêmeas, tão idênticas que até mesmo Onofre se perdeu por um momento na sua semelhança. Suas presenças irradiavam algo etéreo, quase sobrenatural. Elas olharam para ele com um sorriso enigmático, e aquele gesto, que poderia ter sido apenas uma simples troca de olhares, penetrou sua alma de forma inexplicável.

Em um breve e misterioso momento, Onofre sentiu algo que não sentia há muito tempo – um afago no coração, um alívio momentâneo, como se, por um milésimo de segundo, ele fosse tocado por uma suave esperança. No meio do caos, da loucura, da violência da caçada, ele sentiu prazer. Algo bom se infiltrou em seu peito, como um doce consolo no meio do pesadelo. Era como se ele estivesse em um sonho, mas um sonho que lhe prometia uma redenção, mesmo que fugaz.

As gêmeas se aproximaram, sem pressa, como se o tempo não as afetasse. Com um tom suave, que soava mais como uma melodia do que como uma simples fala, uma delas perguntou:

— Para onde você vai, Onofre?

Ele engoliu em seco, o sentimento de calma logo dissipando-se à medida que as palavras saíam de sua boca. Para o cemitério. Foi a única resposta que conseguiu articular, embora se perguntasse se ainda fazia sentido algum lugar ser seguro, se algum lugar poderia realmente ser considerado um refúgio.

As gêmeas trocaram um olhar entre si, sorrindo de maneira indulgente, como se soubessem algo que ele ainda não compreendia. A outra gêmea, com uma voz suave, disse:

— Que perfeito... o cemitério será maravilhoso para nós três. Nós vamos com você.

Onofre, agora tomado por uma curiosidade arrebatadora, não questionou. Ele simplesmente sabia, de alguma forma inefável, que seguir com elas era o único caminho possível. O desejo de seguir em frente, de se afastar do pesadelo, de escapar da caçada, dominava sua mente.

As gêmeas subiram na moto, uma de cada lado de Onofre, com graça e leveza. Não havia pressa, não havia medo. Era como se o destino estivesse, de algum modo, traçado para eles. Eles partiram, rumo ao norte, e o vento cortava seu rosto enquanto a estrada se estendia à sua frente. Estranhamente, Onofre não sabia para onde estava indo, mas uma certeza interna, fria e implacável, lhe dizia que estava no caminho certo, que cada movimento estava levando-o mais perto de algo.

A estrada à frente era longa, aparentemente infinita, sem fim à vista. O asfalto parecia se esticar até onde o horizonte se fundia com o céu. Mas enquanto olhava para a estrada diante de si, Onofre se deu conta de algo que o desconcertou. A sua esquerda, uma floresta gigantesca, densa e impenetrável, estendia-se até onde ele podia ver. O contraste entre a clareza da estrada e a escuridão daquela floresta imensa, como um abismo verde, fez sua espinha gelar. Ela parecia viva, cheia de segredos, como se estivesse esperando, observando.

Então, um som distante de metal cortou o ar e, quando Onofre olhou para sua direita, seu coração disparou. Linhas férreas, incontáveis linhas férreas, alinhadas em paralelo, se estendiam até onde sua visão podia alcançar, desaparecendo até o infinito.

Havia algo profundamente desconcertante em como aquelas linhas pareciam ser várias, múltiplas, como se cada uma fosse um caminho a seguir, uma escolha a fazer. Ele se questionou, freneticamente: Quantos caminhos havia? Quantas realidades diferentes se abriam diante dele? E o que significava isso?

Ele olhou para as gêmeas, buscando alguma resposta, mas elas não pareciam se importar com as linhas de trem, com a floresta ou com a estrada. Estavam tranquilas, absorvendo o vento, como se tudo fosse parte de uma viagem que já estava predestinada, uma viagem sem retorno. Ele sentiu algo apertar seu peito. Será que havia realmente tantos caminhos a seguir, ou tudo não passava de uma ilusão?

A mente de Onofre girava como uma engrenagem travada, suas dúvidas se multiplicando enquanto a estrada continuava a se estender à sua frente. Mas uma coisa ele sabia, e sabia com uma certeza perturbadora: não havia mais volta. Ele estava imerso em algo muito além do seu controle, uma força inexplicável, e todas as suas tentativas de racionalizar ou compreender só o afastavam mais de respostas. Era um sonho, ou um pesadelo, que o arrastava para um fim que ele não conseguia visualizar.

Ele olhou para o horizonte, onde as linhas férreas desapareciam no vazio infinito, e a sensação de que a estrada não tinha fim se intensificou. Onde estavam levando-o? Para o cemitério, para o desconhecido, para o vazio?

E então, um suspiro das gêmeas ao seu lado, uma risada suave, como se elas estivessem se divertindo com o mistério da jornada.

— Você está indo para o cemitério, Onofre — uma delas disse, o tom doce e cativante, mas com uma ponta de ironia. — Mas o que é um cemitério para quem já está morto?

O silêncio caiu sobre eles, e o som do motor da moto foi abafado pela sensação de que eles estavam se afastando de tudo que ele conhecia, mais e mais longe de qualquer compreensão.

A estrada continuava. O infinito se aproximava.

CONTOS

Oníricos

"O CARNAVAL" É UMA HISTÓRIA SOMBRIA E PERTURBADORA QUE MERGULHA NAS PROFUNDEZAS DO MEDO E DA BUSCA POR SALVAÇÃO. ONOFRE, UM JOVEM ATORMENTADO POR UM PESADELO CRESCENTE, VÊ SEU BAIRRO TRANSFORMADO EM UM CENÁRIO DE CARNAVAL MACABRO, ONDE MONSTROS GROTESCOS E ENTIDADES SOBRENATURAIS DESAFIAM A REALIDADE. DEPOIS DE SER MARCADO POR UMA FORÇA MISTERIOSA, ELE SE REFUGIA EM UM ESCONDERUJO, APENAS PARA SER ARRASTADO EM UMA JORNADA PELA ESTRADA DO DESCONHECIDO. ACOMPANHADO POR DUAS GÊMEAS ENIGMÁTICAS E ENVOLTO EM UMA ATMOSFERA DE HORROR E SURREALISMO, ONOFRE TENTA ESCAPAR PARA O ÚNICO LUGAR QUE PARECE OFERECER ALGUMA ESPERANÇA: O CEMITÉRIO. PORÉM, O QUE ELE ENCONTRARÁ NO FINAL DE SUA FUGA SERÁ MAIS ATERRADOR E REVELADOR DO QUE ELE JAMAIS IMAGINOU. UM CONTO SOBRE OS LIMITES DA REALIDADE, A CORAGEM DE ENFRENTAR O DESCONHECIDO E A ETERNA DÚVIDA SOBRE O QUE É A VERDADEIRA SALVAÇÃO.



DREAMWALKER